

Profetismo e sua Relação Paradigmática na Formação Presbiteral

Dr. Prof. Pe. Edélcio Serafim Ottaviani¹

RESUMO

O presente artigo teve por objetivo responder ao apelo dos estudantes de Teologia, seminaristas das dioceses do Regional Sul I, de refletirmos sobre a vocação profética e sua relação paradigmática na formação do futuro presbítero. Em tempos de crise e revisão de valores, urge repensar a aplicação da mensagem evangélica sem descuidar do compromisso com a justiça e da defesa dos direitos dos pobres. Nossa intenção foi a de provocar uma reflexão sobre a dimensão salvífica do sacerdócio de Cristo, paradigma do ministério presbiteral; a sua concretização nos tempos atuais, na figura de D. Pedro Casaldaliga, D. Paulo Evaristo Arns e D. Luciano de Almeida; e a responsabilidade social à qual são chamados todos os que abraçam o sacerdócio “in nomine lesu”.

Palavras-chave: paradigmática relação, justiça, defesa dos direitos

ABSTRACT

Te present article had as the aim, to answer the appeal of theologians students, seminarians of south region, to reflect about profetic vocation and its paradigmatic relation with the future priesthood formation. The time of crises and values revision, it's urgent to think again about the application of Gospel News without forgetting the commitment with justice and the defence of the rights of the poor ones. Our intention was to provoke a reflection about salvific dimention of Christ priesthood, paradigmatic presbyteral ministry. It's actualization in nowadays, in the figure of D. Pedro Casaldaliga, Dom Paulo Evaristo Arns and Dom Luciano de Almeida; and the social responsability to which are called all those who embrace priesthood “ in nomine lesu”, or in Jesus name.

Key-word: paradigmatic relation, justice, defence of the rights

¹ Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain. Professor e assessor de Pastoral Universitária na PUCSP. Coordenador do Curso de Filosofia no Centro Universitário Assunção – UNIFAI.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma reflexão proposta pelos seminaristas e estudantes de Teologia para o XII ENTHEOS, promovido pela *Organização dos Seminários e Institutos do Brasil* (OSIB) – Regional Sul I. O Encontro teve lugar na diocese de Caraguatatuba e contou, no último dia, com a presença dos professores Rosana Manzini e Frei Lisâneos Prates, ambos docentes da Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, que abrihantaram o debate, no qual foram agregadas as reflexões da Moral Social e da Sagrada Escritura.

A presente reflexão se desdobra em três preleções: a primeira, aprofunda a dimensão paradigmática de Cristo na Carta aos Hebreus e expõe as razões da denominação ‘*sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque*’, bem como a relação intrínseca entre sacerdócio régio e vocação profética, segundo a análise hermenêutica de Louis Dussaut; a segunda, denominada “*In nomine Jesu*”, versa sobre o profetismo contemporâneo, ressaltando as pessoas de D. Pedro Casaldáliga e D. Paulo Evaristo Arns e, em particular, a de D. Luciano Mendes de Almeida como exemplo de **santidade profética** nos tempos atuais, à luz das reflexões extemporâneas de Friedrich Nietzsche; finalmente, a terceira preleção, diz respeito ao *profetismo na formação presbiteral atual* e suas implicações no campo moral e social.

De antemão, quero agradecer aos estudantes e formadores do Regional Sul I pela confiança que depositaram em mim ao pedir-me para desenvolver este tema e pela convivência fraterna às margens da enseada cuja estrada leva às belas praias de São Sebastião.

1ª Preleção: Jesus Cristo e sua Relação com a tradição profética de Israel, a partir da carta aos Hebreus.

1. Elementos Fundamentais do texto e sua relação com dimensão paradigmática do Cristo como sacerdote e profeta.

Carta ou discurso?

Segundo o Pe Louis Dussaut, ao lado do Apocalipse, a carta aos Hebreus parece ser um dos textos mais elaborados e estruturados do Novo Testamento (DUSSAUT et alii: 1988, 305). O autor emprega fórmulas inéditas para exaltar o “**Filho de Deus**”, ou manifestar a profunda solidariedade deste com os homens e assumindo na sua pessoa os grandes papéis da história da salvação, em particular o **sacerdócio**, que ele eleva ao seu expoente eterno.

Ainda que sua teologia encontre até mesmo em dias atuais uma certa contestação por “leituras não sacrificiais” da redenção, como aquelas de René Girard a respeito do “Bode expiatório”, não se pode negar a originalidade dessa visão.

Carta ou discurso? Segundo os estudiosos, ainda que haja uma doxologia solene no término do texto, seguida por uma nota do remetente (13, 22-25), isto não é suficiente para atestar que é uma carta propriamente dita. Nem mesmo a tese de extravio do Endereço epistolar, como o queria Franz Overbeck, se sustenta, haja vista o valor introdutório do prólogo.

As exaustivas análises sugerem que se trata efetivamente de um sermão, mais do que propriamente uma carta, pois diz que fala e não que escreve. Dussaut, a exemplo de outros exegetas, admite que se trata de um sermão que, ou foi composto com a “intenção de pronunciá-lo realmente” e, na falta disso, transmitido por escrito; ou “efetivamente pronunciado numa assembléia cristã”, depois enviado, escrito, a outra comunidade (DUSSAUT: 1988, 309).

Embora não haja um endereço epistolário preciso, pelo valor do prólogo, pode-se concluir que o locutor emitente, de uma exortação que teve o cuidado de ser elaborada de forma escrita, é Deus (1, 1-2). Os destinatários são as duas comunidades-tipo da história: “os Padres” e “nós”. Segundo Dussaut, “o endereço pessoal *apaga-se* diante de Deus, que dirige sua palavra aos homens, humilde homenagem *in absentia*” à Palavra que ressoa na história.

A carta aos hebreus alterna pontos de doutrina e exigências para a vida, exposição e parênese.² Segundo Dussaut, ambas se relacionam, sem que

² Parênese significa uma exortação moral, ao passo que paraclése, uma exortação que tem por intuito tomar a defesa de alguém.

haja propriamente uma sobreposição de uma sobre a outra. Na verdade, “se a parênese se subordina à exposição, da qual se deve receber a mensagem na fé (2,1; 3,12; 4, 2.14; 6, 12; 10, 22.38; 12, 2.25;13, 7), a exposição subordina-se à parênese que a exorta a dar a autenticidade à vida de caridade (2, 2s; 3,13s; 4, 11; 5, 9-14; 6, 10; 10, 24-36; 12, 1.4.11; 13, 13.16.21). Neste sentido, a estrutura de Hb atesta um gênero de pregação tanto oral (1Ts 2, 3.12) quanto escrita (1Ts 4, 1.10; 5, 14) que, embora contenha exortações morais (2,2s; 3, 13s; 4, 11; 5, 9.14; 6, 10; 10, 24-36; 12, 1.4.11; 13, 13.16.21), tenderá mais para um tratado teológico pastoral.

É a luz deste tratado que meditaremos o sentido do *Profetismo e sua relação paradigmática com a vida presbiteral*.

Testemunho da Escritura

Citando muitas vezes o SI 110, a carta anuncia ‘outro sacerdote’, não da linhagem de Araão. Citando Jr 31, 31-34, ela anuncia uma nova aliança e também a rejeição dos sacrifícios da Lei SI 40, 7-9, afinal, a Lei nada levou à perfeição (7,12.18-19; 9,9-10; 10,1-3).

Relação dos dois Testamentos

De sentido aguçado, o desenvolvimento da história da salvação apresentado pelo autor permite uma interpretação bem radical da Escritura: há uma continuidade, mas, ao mesmo tempo, ruptura e superação. No Cristo, há o anúncio de um outro tipo de sacerdócio (messiânico). Ainda que possuindo traços semelhantes com o sacerdócio levítico (4, 15^a; 5, 1-6), não é da mesma linhagem, pois é superior. O Cristo não tem as mesmas fraquezas pessoais que os sacerdotes ligados à raça de Araão, nem é limitado pela morte (7, 23). Na verdade, se o seu sacerdócio fosse como o deles, seria deficiente, transitório e limitado ao povo judeu (7, 18-28). Em suma, aos homens deficientes opõe-se um “Filho...eterno e perfeito” (7, 28).

Técnicas exegéticas

Segundo Dussaut, o autor age conforme os procedimentos comuns de seu tempo, seguindo uma *Teologia da Revelação*, pois dá sentido messiâ-

nico ou escatológico a um texto que não o possuía (Sl 8 a 2, 6-9); atribui a Cristo o que pertencia a Deus (Dt 32, 34 em 1,6 e Sl 102, 25 e, 1, 10-12); coloca nos lábios de Jesus um texto dito por outro (Sl 22, 22 e Is 8, 17s em 2, 12s; Sl 40, 6-8 e, 10, 5-9).

Local de envio

Sentido vago. Nada diz a respeito do local do envio. Pode ser tanto da Itália (“os da Itália vos saúdam” (13, 24) ou originários da Itália se encontram em outro lugar (em Atenas?))

Destinatários

Embora faça crer que se trata de uma carta endereçada aos judeus da Judéia (“aos Hebreus”), a estrutura e a linguagem textual atestam ser um texto tipicamente grego. Mas, sem dúvida, os destinatários são cristãos que são exortados a manterem sua “profissão de fé”: podem tanto serem judeus tentados a voltar ao judaísmo ou gentios convertidos ameaçados de fraquejar. Porém, existem traços gerais que os descrevem da seguinte maneira: cristãos de longa data que não conheceram o Senhor (2, 3; 5, 12; 13, 7), inicialmente generosos nas perseguições (6, 10-12; 10, 32-35) falta-lhes agora maturidade espiritual (5, 11-13) e arriscam-se a desanimar (6, 11-12; 12, 1-13), quando não a apostatar (6, 4-8). Na verdade, a descrição pode convir a numerosas comunidades.

Data da Composição

Por causa das inúmeras citações relacionadas à liturgia do Templo, na qual o autor a descreve como atual (9, 9. 25; 10, 1-3.11), tudo tende a precisá-la um pouco anterior à destruição do Templo de Jerusalém pelos Romanos em 70 D.C.

Autoria

Desde Orígenes, admite-se que ela não seja de Paulo, mas de um paulino. A carta apresenta um estilo bem diferente do de Paulo (impetuoso,

irregular, apreciador dos contratos violentos). A carta, por sua vez, apresenta um estilo “escorreito, constante, com transições insensíveis” (DUSSAUT: 1988, 355). Ao passo que em sua cartas, Paulo fala sempre no “eu”, defendendo apaixonadamente sua autoridade de Apóstolo (Gl 1, 1-12; 2 Cor 10-12), enquanto o autor da carta apaga-se por trás do “nós” pastoral ou comunitário (2, 3.5; 6,9; 13, 18). Em meio a diversas hipóteses da autoria, Lutero propôs a Apolo o papel de redator, de quem Lucas traça um retrato elogioso e amigo (At 18, 24-28; 1Co 1, 12; 3,1 – 4,6; 16, 12) e do qual podemos dizer que era um convertido versado nas Escrituras e controversista de primeiro plano (Cf DUSSAUT: 1988, 357). Em suma, parece ser alguém com um conhecimento profundo das Escrituras e cuja visão da história da salvação, grandeza e humanidade de seu Cristo, sumo-sacerdote, são remarcáveis.

Plano da Carta segundo Spicq:

1/1-4	= Prólogo : Deus nos falou através de seu Filho
1/5 à 2/18	= O Filho é superior aos anjos
3/1 à 5/10	= Jesus, o sumo-sacerdote fiel e compassivo A fidelidade do Cristo é superior à de Moisés (3/1-6) <i>A palavra de Deus e o Cristo sacerdote (4/12-16)</i> <i>Jesus, o sumo-sacerdote a exemplo de Melchisédek (5/1-10)</i>
5/11 à 10/18	= O autêntico sacerdócio de Jesus Cristo <i>Melchisédek e Abraão (7/1-10)</i> <i>O sacerdócio de Melchisedek invalida o de Lévi (7/11-14)</i> <i>O sacerdotio do Cristo é superior ao de Levi (7/20-25)</i>
10/19 à 12/29	= A fé perseverante
13/1-19	= A verdadeira comunidade
13/20-25	= Desejo final e envio

Dussaut segue este plano proposto aplicando-lhe cinco temas nodais e que retoma, sobre novas bases, as análises de A. Vanhoye (Cf. VANHOYE, A : 1983) no esquema 1+2+3+2+1 seções:

- I. O exórdio : superioridade do Filho de Deus sobre os anjos
- II. Um sumo sacerdote misericordioso e digno de Fé. Seção a) (3,1-4, 14) um sumo sacerdote digno de fé; seção b) (4,15-5,10) um sumo sacerdote misericordioso.
- III. Anúncio da três características do Cristo: seção a) (7,1-28) sacerdote segundo a ordem de Melquideque; seção b) (8,1- 9,28) seu sacrifício é perfeito cujo sentido de aliança é superior ao de Moisés; seção c) (10, 1-18) a eficácia do sacerdócio do Cristo opõe-se à impotência dos múltiplos sacrifícios da lei: (10, 19-39) exortando os cristãos a viverem na “fé, esperança e caridade”, preservando-se do pecado.
- IV. Estimulação à segurança necessária; à fé que faz o justo viver. Seção a) (11, 1-40) um célebre afresco histórico exalta a fé dos antigos justos; seção b) (12, 1-13) os cristãos são exortados à firmeza nas provações.
- V. Convite aos cristãos a traçar para seus pés retos caminhos (12,13) e apresentação dos aspectos morais e culturais desta vida cristã (12,14 – 13, 18).

A carta aos Hebreus, determinando o ser e a ação de Cristo, é o texto do Novo Testamento que lhe atribui o maior número de nomes e títulos, dentre os quais o de *Filho, iniciador da salvação, apóstolo de nossa profissão de fé, sumo-sacerdote de nossa profissão de fé*.

No que diz respeito ao título de *Filho*, antes de tudo é declarado *Deus* (1,8-9), depois *Filho de Deus* (4,14). Segundo Dussaut:

Esta filiação divina fundamenta sua atividade criadora (1,2 e 1, 10-12 ligados ao v. 8) e faz com que ele também seja filho do homem (cf. 2, 6 – 9,14), com suas funções profética (1, 2b; 3,6), sacerdotal (1,3c; 4,14; 5, 5-6; cf 7,3) e régia (1, 3d. 9-9; 4,16). Estas funções, aliás, correlatas podem exprimir-se através de um ou diversos títulos (DUSSAUT: 1988, 331). Ver onde abriram as asas

No que diz respeito ao título de *iniciador da salvação*, outros títulos lhe são relacionados: *precursor* (6,20; cf. 12, 1-2); *Grande Pastor das ovelhas* (13, 20) e os mais habituais, como o de *Senhor, Cristo, Rei* (7, 2b).

Eminente mediador da Palavra de Deus, Jesus, por ocasião da primeira comparação com Moisés, o mediador-tipo da Palavra no Antigo Testamento, recebe os títulos de “Apóstolo e Sumo-Sacerdote de nossa profissão de fé” (3, 1-6). Este primeiro título de “Apóstolo” ressalta a missão de Jesus, profeta mais autorizado do que Moisés (cf. Dt 15, 15-18).

Jesus, Sumo-sacerdote segundo a Ordem de Melquideque.

5:7 É ele que, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido por causa da submissão. 5:8 E, embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento; 5:9 e, levado à perfeição, tornou-se para todos os que lhe obedecem princípio de salvação eterna, tendo recebido de Deus o título de sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquideque.

Esta perícopre reagrupa uma tônica recorrente na epístola: *sacerdote segundo a ordem de Melquideque*. Neste trecho, a vida do Cristo é relatada segundo um prisma que sublinha *uma vida de oração, entre gritos e lágrimas* e uma vida de *submissão e obediência*.

a) Oração

Todo o ministério do Cristo foi uma vida de oração (cf. Jn 17; Mc 14, 36; Jn 12, 27). E suas orações exprimem por vezes gritos de angústia (cf. Lc 22, 44; Mt 27, 46) ou por meio de lágrimas (cf. Mt 26,75; Mc 14,72; Lc 19,41; 22,62; Jn 11,35).

Spicq relembra a este respeito uma sentença rabínica que afirma: há três sortes de oração, e cada uma mais forte que a precedente: oração, grito e lágrimas. A oração se faz em silêncio, o grito em alta voz, mas as lágrimas ultrapassam todas as outras (DUSSAUT: 2004)

b) Submissão / obediência.

Durante toda a sua vida, o Cristo tomou para si o caminho da obediência. Mesmo em meio à desgraça, ele guardou um respeito vigilante para com a vontade de Deus. Se o termo obediente está ausente nos evangelhos, ele aparece na teologia paulina para falar do Cristo (cf. Philippiens 2,8) ou dos cristãos, filhos de Deus (cf. Philippiens 2,12), e na epístola de Pedro a respeito daqueles que seguem o Cristo (1 Pd 1,14).

Estes elementos só podem ser compreendidos por uma teologia renovada, à luz do Concílio Vaticano II, se entendermos esta submissão como uma restauração da harmonia rompida em Gênesis entre o criador e suas criaturas (cf. Gn 3,4-5; Gn 6-8; Gn 11; Rom 5, 2.19). Ora, foi somente pela submissão e obediência à vontade do Pai que o Cristo pode restaurar a harmonia na criação, pois ele se fez obediente até à cruz (Fl 2, 6.8). Ora, é o paradoxo de uma vida obediente e submissa que o tornou totalmente livre (cf. Hb 5,6-8), liberdade esta que arreventa as cadeias da opressão e derruba os muros da separação (Ef 2,15-16), restabelecendo o amor divino sobre a terra.

Como diz Dussaut:

Os filhos de Deus são convidados a trilhar esta via. A fé-fidelidade é descrita inúmeras vezes no NT como uma obediência (cf. Rom 1,5; 16,26; 2Co 10,5; Hb 4,3). E a chave de leitura das relações novas entre cristãos reside, segundo Paulo, na fórmula “sejam submissos uns aos outros” (Ef 5,21). Não há nem função nem idade nem classe social que seja absoluta; tal é a fraternidade querida por Cristo (cf. Mt 23,8). (DUSSAUT: 2004)

Ser livre em relação a si mesmo, quando nos remetemos a Deus de livre e espontânea vontade, eis o sinal da maior liberdade.

c) Melquideque: um ausente que tem muito a dizer!

Para que compreendamos a *imagem* de Jesus como sumo-sacerdote, é necessário que nos atenhamos um instante à figura de Melquideque. Afinal, quem ele era? E, o que o autor reteve sobre ele para sua associação? Dussaut nos dá quatro razões:

Primeira: ele abençoa Abraão e recebe deste o dízimo de tudo (Hb 7,1). Isto significa que Melquideque é o superior de Abraão. Enquanto tal,

ele está em condição de sugerir uma nova via mais eficaz do que aquela que perpassa o sacerdócio dos Levitas, descendentes de Abraão. Declarar Jesus sacerdote segundo a ordem de Melquideque é declarar caduco o sacerdócio antigo.

Segunda, ele traz um nome que se traduz por *Rei de Justiça* (Hb 7,2). Que outro nome poderia exprimir melhor a justiça de Deus neste mundo?

Terceira: ele é rei de Salém, quer dizer, rei da paz (Hb 7,2). A referência a Jerusalém está apenas velada; afinal, esta cidade não era o foco do ministério do Cristo?

Quarta: ele não tem pai, nem mãe, nem genealogia, nem começo, nem fim (Hb 7,3). Por esta maneira de apresentá-lo, o autor da carta aos Hebreus pode explorar o filão do sacerdócio eterno e a salvação eterna. Esta última expressão está presente de maneira recorrente em alguns trechos da carta (5,6; 6,20; 7,17; cf. Sl 110,4).

Jesus como Profeta

Segundo a carta aos Hebreus, outra característica fundamental da pessoa de Jesus, intimamente ligada ao título “*Rei da Justiça*” e “*à filiação divina fundamentada em sua atividade criadora*” (1,2 e 1, 10-12 ligados ao v. 8), é a sua função *profética*, intrinsecamente associada ao anúncio do “Reino de Deus” ou à maneira de Deus reinar neste mundo.

A carta não aprofunda esta dimensão, mas a tem como implícita dando maior ênfase ao sacerdócio régio de Jesus. Porém, para que possamos contemplar melhor esta função primordial de Jesus, enquanto instaurador do Reino de Deus sobre a terra, traremos à luz aquilo que é pressuposto na carta: O Reino de Deus é resultante da atuação profética de Jesus, cujo modo de ser inaugura e aponta para um Reino de Paz definitiva sobre a terra e cujas palavras procuram despertar em seus interlocutores seu protagonismo messiânico:

Em verdade vos digo que, entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista, e, no entanto, o menor no Reino dos Céus é maior do que ele. Desde os dias de João Batista até agora, o Reino dos Céus sofre violência, e os violentos se apoderam dele. Porque todos os profetas bem como

a Lei profetizaram até João. E, se quiseres dar crédito, ele é o Elias que deve vir. Quem tem ouvidos ouça! (Mt 11, 11-14)

A atitude profética de Jesus Cristo é, pois, uma decorrência de sua missão neste mundo: revelar plenamente ao ser humano a maneira como deveríamos agir uns com os outros e com que espírito deveríamos erigir nossas instituições. No que diz respeito à regra de conduta, ele nos ensinou a *“amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos”* (cf. Mt 22, 34-40), aglutinando nestas duas máximas tudo aquilo que foi ensinado pela Lei e exortado pelos profetas (Mt 22, 40). Quanto às instituições humanas, Jesus repreende os seus discípulos ao que diz respeito às suas pretensões de sentarem-se ao seu lado (um à direita e outro à sua esquerda) quando ele fosse elevado à glória celeste: *“sabeis que aqueles que vemos governar as nações as dominam e os seus grandes as tiranizam. Entre vós não será assim: ao contrário, aquele que dentre vós quiser ser o primeiro seja o servo de todos”* (Mc 10, 44).

Atenhamo-nos então sobre uma pequena descrição do que venha a ser um profeta segundo a tradição de Israel. Pelos estudos exegéticos, sabemos que, a princípio, os profetas não eram homens que somente vaticinavam sobre o futuro ou anunciavam uma iminente destruição. Os profetas eram, antes de tudo, homens interessados principalmente na situação do momento: “os acontecimentos, as vicissitudes, os desafios encontrados pela vida religiosa de seus contemporâneos” (ELLIS, P.F.: 1985, 249). Por isso, suas palavras eram voltadas para as pessoas que estavam diante de si e não pessoas de um futuro desconhecido. Sua função era pregar de forma extraordinária “sobre temas religiosos fundamentais, em momentos de crise religiosa” (ELLIS, P.F.: 1985, 249). São homens plenamente convictos de terem sido chamados por Deus, como se vê claramente na vocação de Moisés (Ex 3, 7.22; 4, 1-15), Amós (7, 14-16), Isaías (6, 1-13), Jeremias (1, 2-10) e Ezequiel (1,2ss). Em Israel, **“o verdadeiro profeta se destaca principalmente pela integridade e pela santidade de vida**, pela coerência de sua pregação com a doutrina tradicional de Moisés e, algumas vezes, pelo testemunho dos milagres ou pelo cumprimento, ainda durante a sua vida, das predições feitas (cf. Is 38, 1-8; Jr 28, 15-17)” (ELLIS, P.F.: 1985, 251). Neste sentido, notamos a dificuldade que as pessoas encontravam para discernir entre um verdadeiro e um falso profeta, haja vista que as escrituras contém inúmeros casos de pregação de falsos profetas (“Profetas de Baal” (1Rs 18,19); “profetas que profetizaram em nome de um mentiroso” (Jr 5, 31).

Tendo por base a lista canônica dos profetas no Antigo Testamento, podemos dizer que a vocação profética não se restringia a um determinado tipo ou grupo de profetas. Eliseu era fazendeiro; Amós, pastor; Isaías, da classe alta; Jeremias e Ezequiel, sacerdotes. Também as mulheres foram reconhecidas como profetisas, vide o exemplo de Maria, Débora e Holda (cf. ELLIS: 1985, 251). Os Profetas se debatem contra o sincretismo, que colocava em risco o verdadeiro culto a Yhawah, como foi o caso de Elias e Eliseu (1Rs 18-2Rs 10); exortam nas questões morais (Amós) e na forma de se estruturar o culto (Oséias); Jeremias, por sua vez, condenou os desvios dos reis, sacerdotes e do povo, reafirmando os ideais nacionais durante o exílio da Babilônia em 587. Os profetas foram verdadeiros portadores da esperança messiânica de todo o povo de Israel, lembrando constantemente a aliança no Sinai e a promessa de perenidade da dinastia de Davi (Am 9,11).

Estas características foram vislumbradas pelos discípulos de Jesus primeiramente e depois os membros das primeiras comunidades que viram no mestre a prefiguração da ação profética e do cumprimento pleno da Lei, maravilhosamente registrada pela passagem da transfiguração (Lc 9, 28-36). Poderíamos dizer que a presença de Jesus é não somente a segurança e a força para vencer o medo (Mt 8, 23-27 a tempestade acalmada; Lc 12, 1-11 *'não tenhais medo dos que matam o corpo'*), mas também a alegria da convivência com um Santo de Deus: *"Mestre, é bom estarmos aqui; façamos, pois, três tendas, uma para ti, outra para Moisés e outra para Elias"* (v. 33).

A experiência foi intensa e a escuta da voz dizendo ser o ele o "Filho, o Eleito" que deve ser ouvido (cf. v. 35) provoca nos discípulos uma profunda reflexão. O silêncio atestado pelo evangelista denota algo demasiado sublime cuja compreensão ainda está longe de ser alcançada. Afinal, quando o mistério é grande, não nos resta senão o silêncio da meditação.

'E, o que dizem ser o Filho do Homem?' Pergunta Jesus aos seus discípulos ao chegarem à Cesaréia de Filipe. Após lhes relatarem que muitas pessoas o confundem com um dos profetas (Jeremias e até mesmo João Batista), Jesus lhes dirige a seguinte pergunta: Mas, *'e vós, quem dizeis que eu sou?'* Eis a questão essencial. O que significa a presença de Jesus em meio aos seus discípulos e em todo o Israel, não seria o cumprimento da promessa feita aos patriarcas e constantemente reafirmada pelos profetas? A presença de Jesus não é o cumprimento da promessa de Yahweh que

jamais abandonaria o seu povo e acima de tudo faria de Israel uma nação santa, luz para todas as nações?

John P. Meier, em sua obra ímpar *Um judeu marginal*, aprofunda a presença de Jesus não somente como o anúncio profético da vinda iminente do *Reino de Deus*, mas a sinalização na pessoa de Jesus de que o *Reino de Deus* é já uma realidade palpável na pessoa do nazareno. Sua peregrinação por toda Galiléia e, posteriormente, a Judéia é uma realização das promessas messiânicas por meio da qual Deus “*chega com poder e misericórdia para curar e redimir seu povo, reunindo os fragmentos dispersos de Israel em um todo escatológico*” (MEIER, John P.:1997b, 217). Ao ser indagado pelos discípulos de João se seria ele ou não o Messias, a resposta de “é destituída do tipo de afirmações nitidamente cristológicas feita pela Igreja primitiva” (MEIER, John P.:1997b, 216). Sua resposta é indireta e sugestiva: “*os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres recebem a proclamação da boa nova*” (Mt 11,5), citando as palavras do profeta Isaías (Is 29, 18-19; 26, 19).

O anúncio da boa nova vem acompanhado de uma presença profética que ao mesmo tempo indica *no presente* a instauração do Reino, ainda que não plenamente, mas aponta para sua efetivação num futuro iminente:

Diante do Batista, Jesus se destaca como alguém que faz curas milagrosas e proclama a boa nova para os pobres enquanto percorre Israel em cumprimento das profecias de Isaías. De modo implícito, somos preparados para a percepção de que é assim que o domínio régio de Deus sobre Israel no final dos tempos age concretamente e é vivenciado no presente, através do ministério de Jesus. Algo novo e diferente ocorre na obra profética de Jesus. Todos, incluindo o Batista, são desafiados a aceitar a verdade de Deus ser o real agente por trás das palavras e ações de Jesus, por mais que os eventos contradigam as idéias preconcebidas de como seria o final dos tempos para Israel (MEIER, John P.:1997b, 219)

Na verdade, ao rejeitar as especulações apocalípticas sobre a vinda do Reino, Jesus procura fazer com que seus adversários desviem seus olhares do futuro especulativo para o presente concreto, já presentes na curas que realiza e em sua pregação.

A pregação profética de Jesus pode ser caracterizada pelos seguintes elementos:

Primeiro, ele ensina não como os mestres da lei, mas com autoridade (Mt 7, 28-29), pois suas palavras são testemunhadas por sua santidade, reconhecida até pelos espíritos impuros (Mc 1, 21-28).

Segundo, suas palavras são tanto de exortação moral (parênese / Mt 5, 20-47; 6, 1-6; 18, 15-18), quanto de orientação cultural e doutrinal (Mt 6, 16-18 sobre o jejum; Lc 11, 33-53 sobre as abluções antes das refeições; Mt 12, 1-8; Lc 14, 1-6 o ensinamento sobre o sábado; Mt 15, 10-20 sobre o puro e o impuro).

Terceiro, invocando piedade e temor de Deus (Jo 2, 16-17 '*o zelo por tua casa me devorará*'); Mt 21, 13 '*vós porém fazei da casa de meu Pai um covil de ladrões*').

Quarto, sendo portador da esperança messiânica de todo o povo de Israel (Mt 5, 1-12 as bem-aventuranças).

Finalmente, o compromisso com a boa nova anunciada aos pobres e a luta pela defesa de seu direito na prática da justiça (Lc 4, 18-21 '*o Espírito do Senhor está sobre mim...*').

2ª Preleção: "In nomine Jesu": D. Pedro Casaldáliga e D. Paulo Evaristo como exemplo de Profetismo e D. Luciano como exemplo de Santidade profética nos tempos atuais.

Não há nada de encoberto que não venha a ser descoberto, nem de oculto que não venha a ser revelado. O que vos digo às escuras, dizei à luz do dia: o que vos é dito aos ouvidos, proclamai-o sobre os telhados. (Mt 10, 26-27).

Por meio das palavras de Jesus, esta preleção tem por objetivo demonstrar como a tradição profética esteve e continua presente em nosso meio, particularmente em nossa América latina, sobretudo na práxis daqueles animaram sua caminhada pastoral à luz da Teologia da Libertação. Isso não significa que não houve profetas e mártires em meio a outras correntes teológicas e orientações pastorais, mas esta preleção quer apenas ressaltar que, nas décadas de 60, 70 e 80, centenas de camponeses, religiosas e religiosos, padres, bispos e até mesmo representantes de outras denominações religiosas, animados pela práxis da libertação, trouxeram à luz um

testemunho fiel à tradição dos grandes profetas de Israel. E não faltaram vozes elucidando o povo das Comunidades Eclesiais quanto à legitimidade desta associação.

No entanto, tratou também de distinguir os verdadeiros dos falsos profetas, identificando as falas e ações que expressavam uma comunhão com a linhagem profética de Israel, cuja defesa pela justiça e pelo direito dos pobres encontravam legitimidade junto ao povo de Deus.

Nosso intuito, além de ressaltar a atualidade da vocação profética, dizendo que não se trata de um fenômeno perdido no tempo, visa a demonstrar que ela é a expressão incondicional do anúncio pressuroso da vinda do Reino de Deus entre nós.

Consciente de minha impossibilidade em fazer jus à memória de tantos profetas, homens e mulheres desta América ferida, apresentarei algumas considerações em relação a três ícones da Igreja e do pensamento católico latino-americanos e que podem ser tomados como paradigmas proféticos na formação presbiteral atual, a saber: D. Pedro Casaldaliga, D. Paulo e D. Luciano, cujos ministérios foram discutidos e rediscutidos recentemente numa rede de e-mails internos e externos à Igreja do Brasil, por ocasião da vinda do papa Bento XVI e da realização da V CELAM.

Em minha defesa desses três ícones, afirmei que, no que se refere a D. Pedro, seu testemunho de vida já fala por si. Como bispo, ainda que tendo jurado obediência ao papa, não se esquivou de alertar para e mesmo de questionar palavras, ações e determinações do Magistério em matéria de doutrina e moral que se apresentavam desconectadas da realidade latino-americana. Não se trata aqui de uma pura e simples rebelião ou indiferença às palavras do Magistério, mas, de uma profunda fidelidade ao anúncio de Jesus que demanda indagações, esclarecimentos, até mesmo no interior da instituição eclesial, quando esta não leva em consideração uma realidade em particular - neste caso, a do continente latino-americano - e fala de forma demasiadamente universal e, por conseguinte, abstrata.

Foi o caso da recente CELAM, em Aparecida, cujo documento oficial praticamente anulou a importância e a vocação profética das Comunidades Eclesiais de Base, e a diluiu entre outras “comunidades pequenas” e movimentos espirituais (cf. § 178, 179 e 180). Em suas indagações no interior da Igreja, D. Pedro Casaldaliga procurou sempre alertar para os discursos

eclesiais que acabavam por legitimar um sistema econômico injusto e excludente, ao falar de forma etérea e demasiado abstrata sobre as injustiças sociais agravadas continuamente em toda a América latina. No interior da Igreja, as palavras de D. Pedro Casaldáliga foram sempre de alerta, num tom certamente bem mais ameno do que o utilizado pelo apóstolo Paulo ao se dirigir ao primeiro Sumo Pontífice da Igreja:

Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindos da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas quando chegaram, ele se subtraía e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar por sua hipocrisia. (Gl 2, 11-13).

Neste sentido, D. Pedro Casaldáliga representa não somente a vocação profética *ad extra*, sobretudo na defesa do direito dos camponeses e sua luta contra a investida devastadora dos latifundiários deste Brasil, mas também *ad intra*. Sua luta pela Reforma Agrária lhe valeu perseguições e a ameaças de morte por parte de jagunços cujo tiro de revólver culminou na morte do Pe. João Bosco Penido Burnier, assassinado no dia 15 de outubro de 1976, quando realizava uma visita à cadeia pública de Ribeirão Bonito, em Mato Grosso, em companhia de vários padres e de D. Pedro Casaldáliga. Tal visita era em função de denúncias de que naquela cadeia se encontravam paroquianos que estariam sendo torturados. Ao questionar as determinações disciplinares do Santo Padre em relação ao teólogo Juan Luis Segundo, às vésperas da V CELAM em Aparecida, não faltaram vozes a o exortarem a acatar obsequiosamente tais determinações, convidando-o finalmente a retirar-se da Igreja.

Ainda que falas e atitudes de D. Pedro estivessem inseridas na mais fiel tradição da Igreja. Como diz o Cardeal Walter Kasper:

A obediência a estas declarações (trata-se das declarações de caráter geralmente obrigatório da doutrina da fé e do ensinamento moral sobre a situação concreta) não pode ser simplesmente obediência de fé no sentido de *fides divina et catholica*. Estas declarações não são, por causa disso, relegadas ao domínio do não-reprimível e do arbitrário. Elas não são também puramente disciplinares. Da parte do católico é requisitada uma certa dis-

ponibilidade religiosa interna em relação a estas declarações e uma certa aprovação em relação a elas; mas disponibilidade e aprovação que implicam uma certa co-responsabilidade espiritual e moral. Disto decorre, e por meio de um exame profundamente amadurecido de sua consciência, que o cristão individual pode chegar a um julgamento diferente das instruções do ministério instrutivo da Igreja; isto faz parte da tradição teológica a mais ortodoxa.³

No caso das vozes que convidavam D. Pedro a deixar a Igreja, não pude deixar de ouvir o eco do período mais duro da ditadura militar: “*Brasil, ame-o, ou deixe-o*”. Na verdade, estas palavras poderiam ser traduzidas da seguinte forma: *ou se aceitam as coisas da forma como estão, ou deixe o território em que se pisa*. Ao pedirem que D. Pedro Casaldaliga volte ao seu país, desconsiderando a sua vida voltada para a libertação dos mais explorados deste país, tais vozes reproduzem o modo de ser dos mais pífidos representantes do regime totalitário da década de 70. De forma ideológica, tais investidas aproveitam a ocasião para associar aos filósofos e teólogos da libertação questões delicadas e polêmicas, tais quais: ‘*aborto, eutanásia, casamento de homossexuais, ordenação de mulheres...*’, afirmando que, para eles, essas coisas “*não têm nenhum valor*”! Na verdade, em questões tão delicadas, não se pode opinar simploriamente pelo viés do “*pode ou não pode*”. Só as pessoas de visão tosca tocariam nessas questões sem ao menos problematizá-las. O compromisso da Práxis e da Teologia da Libertação é de trazer à luz todos os olhares sobre esses fenômenos, na mais fiel abordagem fenomenológica, suscitando aprofundamento e respeito intelectual para com os pronunciamentos do magistério sem obnubilar posições divergentes a fim de que tudo seja elucidado pelo viés da razão. Lembrando que a fé não se opõe à razão (vide *Fides et Ratio*) e que “trazer à luz” equivale à *a-létheia*, sem-velamento, sem-esquecimento, ou seja à **verdade** (HEIDEGGER: 1988, § 44).

No que diz respeito a D. Paulo e sua atuação profética, tomo como chave hermenêutico-interpretativa a “*Segunda Consideração Intempestiva: Da*

3 KASPER, Walter. *Die Bleibende herausforderung durch das II. Vatikanische Konzil. Zur Hermeneutik der Konzilaussagen*, dans G.W HUNOLD &W. KORFF (éd.), *Die Welt für morgen*, Munich, p. 423. Apud BÖCKLE, Franz. *Le magistère de L'Église en matière morale. Révue Théologique de Louvain*, Louvain – Belgique, n. 19, p. 16. 1988.

utilidade e desvantagem da história para a vida”, do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Nesta obra, sempre atual, o filósofo analisa como o instinto de justiça histórica, presente na terceira forma de se reportar à vida, isto é, **a maneira crítica** (*kritischer Standpunkt*), pode, *por mãos, voz e maneiras grosseiras*, ocasionar uma grande injustiça histórica.

Diz o filósofo alemão:

Quem vos obriga a julgar? E ainda além – colocai-vos à prova, apenas para ver se podeis ser justos, se vós o quiserdes! Enquanto juizes, precisaríeis permanecer superiores em relação ao que deve ser julgado; mas vós apenas chegastes depois. Os convidados que chegam por último à mesa devem com razão ficar com os últimos lugares: e vós quereis ter os primeiros lugares? Então fazei ao menos o que há de mais elevado e mais grandioso; talvez se vos conceda neste caso realmente um lugar, mesmo se vós chegares por último. (NIETZSCHE: 2003 § 6, 56.)

Por um ato corajoso, ainda em plena ditadura militar, a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de São Paulo, tendo à frente o Cardeal Arns, unida aos representantes de outras profissões religiosas, publicou um verdadeiro processo político da ditadura militar brasileira. Nele, vemos relatados todos os nomes das vítimas, bem como as maneiras de torturar, matar e sepultar centenas de presos políticos que pensavam diferentemente do poder militar vigente. “BRASIL NUNCA MAIS” trata da falta de sentimento ético e da indiferença dos militares e das oligarquias econômicas em relação ao sofrimento do povo brasileiro e constitui um verdadeiro tesouro de informações, recolhendo a tragédia de centenas de pessoas que não conseguiram fugir ou se exilar do país.

Na verdade, o espírito deste livro é o mesmo que animou a Práxis da Libertação a anunciar de *forma afirmativa* o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo. Sublinho o “*de forma afirmativa*”, para rebater as críticas que Nietzsche dirigiu à instituição eclesial, seja ela católica ou protestante, por sua forma reativa de ser e “evangelizar”, isto é, julgando negativamente o mundo real em nome de um mundo ideal; maldizendo a vida; maldizendo ‘*as uniões homossexuais, a ordenação de mulheres...*’ (teor encontrado num destes e-mails), sem um mínimo de *finesse* para tratar dessas questões, apesar dos avanços da emancipação feminina e da luta contra todo preconceito e discriminação que têm marcado a sociedade contemporânea.

Mas, o que faz Nietzsche aqui em nossa reflexão? Não estaria ele depondo contra os defensores da Práxis e da Teologia da Libertação? Para os incautos, apresento-lhes as palavras do Filósofo e Teólogo Paul Valadier, padre jesuíta e professor do Instituto Sèvres de Paris e, portanto, alguém insuspeito de fazer apologia da Teologia da Libertação. Ao ser questionado sobre a possibilidade de conciliar Nietzsche e o Cristianismo, Valadier nos diz:

Não me parece possível nem desejável querer “conciliar Nietzsche e o Cristianismo”. Isso não é possível, porque seria ir contra as suas afirmações mais constantes e mais fundamentais; salvo deformar totalmente seu pensamento e operar “recuperações” realmente deslocadas, desrespeitosas do “pathos da distância” que exigia Nietzsche com o real, ou seja, com o pensamento de outrem. Não desejável, porque assim se procederia a esse esmagamento das diferenças que Nietzsche lastimava tanto e em que ele via um perigo da modernidade; a impossibilidade de reconhecer que se tem inimigos lhe parecia típico da mentalidade de escravo, incapaz de suportar a alteridade, sempre tentando trazê-la para si. Conciliar Nietzsche com o cristianismo consistiria, então, em dar razão a Nietzsche contra o cristianismo, pois se demonstraria que, como cristãos, nós somos incapazes de suportar a diferença, e que nós somos então escravos. Afirmar isso não é diabolizar Nietzsche, mas, bem ao contrário, reconhecer que, como adversário “rigoroso” do cristianismo, ele oferece ao cristão a possibilidade de dirigir sobre si mesmo um olhar crítico, e então, de entrar eventualmente numa “metamorfose” de si, fecunda, enquanto ela lhe permite progredir em sua própria adesão ao cristianismo, livrando-se das ambigüidades ou das posições teológicas que fazem esse cristianismo perder sua credibilidade (por exemplo, um modo de fixar o homem em seu pecado para poder anunciar-lhe a salvação, o que consiste em anunciar primeiro uma “nova má”, antes e como condição da “boa nova” evangélica...) Em particular, a forte tese nietzschiana, segundo a qual foi o próprio cristianismo que provocou a “morte de Deus” (a Gaia Ciência), deve conduzir os cristãos e as Igrejas a interrogarem-se sobre seus discursos e sobre sua prática: não apresentam eles com frequência um Deus não crível, contribuindo, assim, para uma descrença, ou seja, para um ateísmo que eles deploram ao mesmo tempo? (VALADIER: 2004).

No que se refere a D. Luciano, o que falar de um bispo cuja santidade foi atestada por uma imensa multidão de pessoas, em São Paulo e em Mariana, por ocasião de seu enterro? (cf. MENDES, C.: 2007, 89). Quem conheceu D. Luciano - não somente por seus discursos, homilias e artigos em revistas e jornais, mas, sobretudo pela presença nas caminhadas junto ao povo simples da periferia de São Paulo e da Arquidiocese de Mariana - sabe que esta imensa multidão tem razão. D. Luciano, cujo lema episcopal é “*In Nomine Jesu*” (Em nome de Jesus), é um dos maiores exemplos de como fazer da vida sacerdotal um exemplo de santidade profética.

D. Luciano nunca foi piegas e jamais fez de sua vida um trampolim para a escalada social ou eclesiástica. Na mais fiel tradição inaciana, ele quis apenas seguir fielmente os passos de Jesus como forma de oferecer ao mundo, e particularmente aos “mais pequenos”, a certeza do amor de Deus para com todas as suas criaturas (cf. MENDES, C.: 2007, 44). Com D. Luciano e por meio de suas palavras e seus olhos, não somente nos víamos melhores do realmente somos – como disse seu irmão por ocasião da missa de corpo presente na Catedral de São Paulo – mas, nos tornávamos melhores ou, ao menos, despertava em nós o desejo de sermos melhores. Com ele, tocávamos o que devem ter vivido os discípulos em meio à Transfiguração. Era sempre muito bom ficar ao lado de D. Luciano. Sua palavra profética, acompanhada de imensa ternura para com todos (cf. MENDES, C.: 2007, 98), especialmente os mais esquecidos e empobrecidos, era a certeza viva de que Deus não esquecerá os seus filhos, mas enviou-nos anjos a falar em seu nome. E, certamente, D. Luciano era um deles. Não um anjo etéreo, fruto de nossa imaginação e nossos desejos mais profundos, mas um anjo de carne e osso que passou e acampou entre nós (cf. Jo 1,14); um anjo cujas características particulares descreveremos a seguir:

- *Desprendimento e despojamento*. Ele que tinha uma condição aristocrática, não usou de seu direito, mas despojou-se completamente, assumindo a condição de servo dos servos (cf. MENDES, C.: 2007, 18-30). Em D. Luciano, contemplamos o desejo de seguir a Jesus em todos os seus passos, até mesmo no seu rebaixamento por compaixão e amor ilimitado ao ser humano (cf. Fl 2, 6b-8a). Quem não viu D. Luciano cochilar um momento ao nosso lado, sem cancelar uma reunião sequer e sem perder o fio condutor da discussão, depois de ter passado várias noites em claro a cuidar dos pobres que acorriam a sua casa até de madrugada? (cf. MENDES, C.: 2007, p.61-62). Esvaziou-se completamente e agradecia a Deus

por não precisar de muitas horas para dormir e assim dedicar mais tempo ao serviço do povo de Deus. Seu irmão Cândido, em seu livro: *D. Luciano, irmão do Outro*, lembra do dia em que o irmão mais novo, Luiz Fernando, lhe comprou dois pares de sapatos, para que lançasse fora aquele par que incomodava constantemente seus calos, “voltando o bispo, afinal, ao velho calçado, e ao manso castigo da rotina”, quando encontrou dois pedintes com nada nos pés (cf. MENDES, C.: 2007, 60). É memorável a cena contada por tantos de seus colaboradores ao vê-lo calçar um par de meias sobre o outro. Na verdade, fazia-o por precaução, pois podia encontrar alguém que não tinha nenhum e assim aquecer-lhes os pés, sobretudo, em tempo de frio, quando os seus próprios viriam depois a reclamar.

- *O zelo pela casa do Senhor* (Sl 69, 10)! Quem não viu D. Luciano enrubescer ao tomar a defesa dos pobres e particularmente dos índios e camponeses expulsos de suas terras pela voracidade do capital? (cf. MENDES, C.: 2007, 90; 106). Se nosso corpo é por excelência a morada do Espírito Santo de Deus (Jo 2, 21; 1Co 6,19), aviltar a dignidade humana tornou-se para ele a maior profanação da casa do Senhor. Ele não temia a pressão dos militares e expôs-se bravamente, enquanto Secretário Geral da CNBB, na defesa e no acompanhamento do julgamento dos padres franceses em plena ditadura militar (cf. MENDES, C.: 2007, 66-67).

- *Defensor incondicional da Opção Preferencial pelos pobres* assumida pelos bispos latino-americanos e Medellín, reafirmada em Puebla e, de certa forma, obnubilada em Santo Domingo: “Essa vocação especial da linguagem do pastor o levaria aos debates cada vez mais complexos, ao encontro dos consensos regionais, em que a última Conferência de Santo Domingo refletia as intensidades tão diversas de expectativas da mensagem da Igreja no continente de sua maior audiência, e acelerada pela Teologia da Libertação.” (MENDES, C.: 2007, 50-51).

Foi com grande admiração que o vi discursar na Assembléia da UNICEF, em Paris no ano de 1986, demonstrando como as Comunidades de Base eram, para as crianças que andavam perdidas e vagando nas ruas, a família que não tinham e a esperança de um futuro melhor, justamente quando crescia dentro da própria Igreja um movimento contrário às CEB's e à Teologia da Libertação.

- *Fidelidade à Igreja* que, por sua vez, deve ser fiel ao Evangelho de Jesus. Todos conhecem a admiração que D. Luciano tinha por D. Romero

e o quanto a missa de corpo presente na praça em frente à Catedral de San Salvador o marcou. D. Luciano jamais esquecera as pessoas fuziladas pelas tropas militares durante o funeral do “obispo de los pobres”, mártir incondicional da libertação do povo latino-americano (cf. MENDES, C.: 2007, 100-102). Com todo o ardor de uma Igreja profética, ajoelhou-se ao lado do telefone para falar com o papa que estava a milhares de quilômetros dali. Aquele que viu atesta que se tratava mais de um puxão de orelha por seu procedimento junto à Presidência da CNBB do que uma benção papal. Em D. Luciano, mais do que seguir um “*dixit papal*”, suas palavras na imprensa eram um “*sentire cum Ecclesia*”: “*Os artigos da Folha, bem como as homilias, defendem a visão mais rigorosa do respeito à vida e ao nascituro; de crítica às experiências com fetos e manipulações genéticas; ou mesmo de reabertura dos debates sobre a eutanásia e o direito de morrer*” ((cf. MENDES, C.: 2007, 70).

- “*In Nomine Jesu*”: “*abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz*” (cf. Fl 2, 8), D. Luciano viveu exemplarmente o modo de ser de Jesus exposto na carta aos Filipenses. Nem mesmo durante os seis meses que ficou internado no hospital, após o acidente na estrada de Itabirito, fez com que perdesse o humor e a alegria de viver. Num dos famosos “bilhetes de D. Luciano”, ao lado de seus criativos bonecos, a frase: “Deus é Bom” (cf. MENDES, C.: 2007, 84).

- *Olhar amoroso e compassivo*. Quantas vezes ele não olhou para nós com o carinho com que Jesus olhou para o jovem rico, ao persistirmos em nossa opinião obtusa velando nossa incapacidade de desprendimento, sabendo que deixávamos para trás o que havia de melhor.

- *Confiança nas novas gerações e em suas elaborações teológicas e pastorais*. D. Luciano, não sem algumas reservas, soube ver o frescor evangélico da *práxis* e da *teologia da libertação*. Ele sabia que as reflexões teológicas da Igreja latino-americana não tinham adquirido a adequação cristalizada de uma teologia já sistematizada, madura; mas, em sua sabedoria e confiança na opção preferencial pelos pobres, sabia também que não tinha adquirido o enrijecimento de uma velha e boa senhora que aos poucos vai perdendo a visão. D. Luciano se permitiu, mesmo com quase sessenta anos, contemplar o frescor jovial de uma teologia que procurou voltar ao fervor evangélico das comunidades primitivas, ainda que reconhecendo nela certa imprudência e transgressão, mas sabendo que toda *hybris* (desmesura)

alarga também os limites e amplia o campo de visão. D. Luciano fazia com que a *opção preferencial pelos pobres* fosse contemplada até mesmo por quem não sentia nenhuma simpatia por esta visão, vivendo santamente a espiritualidade da *práxis e a teologia da libertação* (cf. MENDES, C.: 2007, 100-101). Ele soube encarnar aquilo que Hannah Arendt descreveu como tensão entre o agir e o pensar (*práxein e theorein*). Com D. Luciano, a ação (*práxis*) era contextualizada, necessitando das luzes da reflexão (*teologia*) para que não se transformasse numa atitude imprudente, e que a reflexão teológica, distante do mundo real da ação, não se transformasse num pensamento inoperante.

Para concluir, resgatando a lembrança desses nossos queridos bispos, que tive a alegria de conhecer e, com dois deles, a felicidade de conviver, quis demonstrar que a reflexão teológica latino-americana e sua opção preferencial pelos pobres, inspirada em Medellín e reafirmada em Puebla, não morreu; e que, de forma dinâmica, continua a atuar entre nós. E para assegurar a dimensão destas verdadeiras testemunhas do evangelho de Cristo e animar aqueles que buscam paradigmas para uma ação profética em tempos atuais, cito mais uma vez o grande filósofo alemão:

Somente a partir da suprema força do presente tendes o direito de interpretar o passado: somente na mais intensa tensão de vossas qualidades mais nobres, desvendareis o que há no passado digno de ser conhecido e conservado. O igual pelo igual. De outro modo, vós conduzireis o passado para baixo juntamente convosco. (...) Portanto: a história, escreve-a o homem experiente e superior. Quem não vivenciou algo maior e mais elevado do que tudo também não saberá interpretar nada grandioso e elevado no passado. A sentença do passado é sempre oracular: apenas como construtores do futuro, como conhecedores do presente, vós a compreendereis (...) Vós tereis o suficiente para ponderar e inventar, na medida em que meditais sobre aquela vida futura, mas não requisiteis à história que ela vos mostre o “como?”, o “com que?”. Se ela, ao contrário, vos imiscuir na história dos grandes homens, então apreendereis dela um comando supremo para amadurecer e para escapar daquele encanto educacional paralisante da nossa época, que vê sua utilidade em não vos deixar amadurecer para dominar e explorar a vós, os imaturos. E se deseiais biografias, então

não aquelas com o refrão “o senhor tal e tal e uma época”, mas aquelas em que os frontispícios deveriam chamar-se “um guerreiro contra seu tempo”. (NIETZSCHE: 2003 § 6, 57-58).

3ª preleção : O profetismo na formação presbiteral atual.

Chegamos à última preleção desta temática em que refletiremos qual o papel do profetismo na formação dos futuros presbíteros. Na primeira preleção, aprofundamos o sacerdócio do Cristo como paradigma da função sacerdotal. Ele é o sacerdote por excelência, pois não ofereceu nenhuma outra vítima em expiação dos nossos pecados, mas a si próprio: *"Ele não precisa, como os sumo sacerdotes, oferecer sacrifícios a cada dia, primeiramente por seus pecados, e depois pelo povo. Ele já o fez uma vez por todas, oferecendo-se a si mesmo"* (Hb 7, 27b), por isso ele é também a vítima deste novo e superior sacerdócio e o altar onde ela é imolada. Jesus, sacerdote segundo a ordem de Melquideque, é o paradigma do sacerdócio eterno integrando em si mesmo três elementos da ação sacrificial: a vítima, o altar onde é oferecida e o sacerdote que a oferece. Sua mediação é única e aliança que ele realiza através deste sacrifício não pode mais ser quebrada. Seguindo seu exemplo, está aberto o caminho para uma nação santa e um povo de sacerdotes, pois como disse o senhor:

Porei minhas leis na sua mente e as inscreverei no seu coração; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Ninguém mais ensinará o seu próximo, nem o seu irmão, afirmando: 'Conhece o Senhor!' porque todos me conhecerão, do menor até o maior. Porque terei misericórdia das suas faltas, e não me lembrarei mais de seus pecados. (Hb 8, 10b-12)

Na verdade, se buscamos seguir fielmente os passos de Jesus e de forma particular, dedicando-nos ao sacerdócio, pensar a relação paradigmática entre ele e o profetismo é tautologia. A vocação profética é inerente à adesão ao Reino de Deus anunciado por Jesus Cristo e ao sacerdócio por ele instaurado, pois onde não houver fidelidade a esta adesão, causando sofrimento no mundo, haverá aí um campo fértil para o profetismo.

O Documento 80 da CNBB, sobre os novos desafios na *Evangelização e Missão profética na Igreja*, apresenta o ideal da comunidade eclesial como um anúncio profético em nosso mundo individualizado. Sem confundir singu-

laridade de carismas e individualidade, as Comunidades Eclesiais de Base se apresentam como um sinal vivo de adesão ao projeto de Cristo, alimentando a vida de seus membros com a partilha da palavra e do pão eucarístico, anamnese eterna do amor incondicional de Jesus pelos excluídos (cf. CNBB: 2005, 67). Nelas, é possível reacender o desejo de sermos sujeitos de nossa história e não meros coadjuvantes. Certo, é preciso rever suas estruturas e sua edificação, mas o elemento essencial deve prevalecer: espaço de ações afirmativas, de criatividade e exercício de nossas potencialidades; espaço de convivência positiva e experiência de si mesmo junto dos outros; espaço de crescimento e tomada de consciência daquilo que em nós precisa ainda se desenvolver. Espaço também para o desvelamento de nossas atitudes mesquinhas, de nossa pequenez, no qual esta revelação não nos assusta, pois somos chamados a ultrapassá-las pela dinâmica do amor. Espaço em que os nossos juízos de valores e nossas ações são constantemente confrontados com os valores ensinados por Jesus e constantemente aprofundados e interpretados pelo estudo constante e perseverante da palavra do Senhor. Espaço de partilha de outras cosmovisões, confrontadas na práxis libertadora dos movimentos sociais (cf. CNBB: 2005, 87-92); espaço para aprofundamento do impacto das novas biotecnologias sobre a dignidade humana (cf. CNBB. Cap III: 2005, 67).

Das Comunidades Eclesiais de Base, parte-se para novas inserções, entre elas a inserção no meio acadêmico. Quantos não foram aqueles que, incentivados pelo aprofundamento da palavra de Deus nos círculos bíblicos, não terminaram por ingressar numa Faculdade de Teologia e assim abrir os horizontes para uma integração maior com o universo dos saberes, inscrito na vida universitária. O espaço da extensão universitária se torna campo fértil para o intercâmbio com o saber acadêmico, ao fornecer material consistente para as pesquisas de campo com vistas a uma melhor compreensão da realidade humana em que vivemos:

Ao longo da nossa história, a Igreja Católica presente no Brasil sempre desempenhou papel importante, seja no cotidiano da vida do país, seja nos momentos quando foram tomados novos rumos para a sociedade. Julgamos nossa obrigação fazer-nos presentes também nesta hora na qual estão ocorrendo transformações tão profundas na linha dos conhecimentos e da capacidade de intervir nos mecanismos mais secretos da vida. Alguns setores da sociedade, mais ligados às empresas

de biotecnologia, parecem ignorar esse passado e contestam nossa liberdade de atuação no presente. Por isso julgamos conveniente lembrar as razões de nossa fé e a missão específica que nos foi confiada por Jesus Cristo: a missão de anunciar o Evangelho da Vida, centro da mensagem de Jesus Cristo. (CNBB. Cap IV: 2005, 111-112).

Vocação Profética que deve constituir-se não somente *ad extra*, mas que deve também desenvolver-se *ad intra*, como vimos acontecer na vida pessoal de D. Pedro Casaldaliga, D. Paulo e D. Luciano. O fato de as contribuições apresentadas pelas Comunidades Eclesias de Base, das pastorais sociais e dos teólogos da libertação à V CELAM serem praticamente reduzidas no Documento Oficial de Aparecida mereceria de nossa parte ao menos uma menção de descontentamento com a atitude da comissão redacional que desconsiderou uma boa parte da redação aprovada pelo conjunto dos bispos e lançou uma redação final na qual se viu praticamente diluída o papel da práxis e da teologia da libertação, para decepção de uma grande parte do laicato e do clero comprometida com a *opção preferencial pelos pobres*, proclamada de forma concreta em Medellín, reafirmada em Puebla e reasumida em Santo Domingo, graças ao esforço consensual de D. Luciano (cf. MENDES, C.: 2007, 52-56).

CONCLUSÃO

Num artigo intitulado A Filosofia no mundo atual e sua importância no processo formativo do Futuro Presbítero, baseando-me na descrição do *Selbstdenker* (livre pensador) preconizado por Schopenhauer e retomado por Nietzsche na Terceira Consideração Inatural, indiquei alguns princípios éticos dos quais não podem lançar mão aqueles que aderiram ao modo de ser de Jesus, bem como as tentações das quais devem fugir. Transcrevo aquelas que julgo estarem em consonância com o tema ora proposto e que de certa forma podem elucidar a dimensão paradigmática do profetismo em sua relação com a formação presbiteral.

OS PRINCÍPIOS:

O *testemunho*. Aquele que toma para si o ofício de pensar e ajudar os outros a pensarem, tarefa do verdadeiro pastor, deve se exprimir não somente através dos livros (e porque não dizer através das homilias), mas, e sobretudo, através da vida: “*pela expressão do rosto, da atitude, da vestimenta, do regime alimentar, dos costumes, mais do que pelas palavras e sobretudo pela escrita.*”(NIETZSCHE: *Considerações Intempestivas* § 4).

Querer ser educado para depois educar. Trabalhar incansavelmente segundo a mais pura tradição da *Bildung* alemã, quer dizer, dedicando um grande esforço à sua *formação integral*, tanto do ponto de vista *moral quanto do intelectual*.

Não ter nenhuma intenção de agradar a quem quer que seja, a não ser o ser divino, única fonte da verdade absoluta.

Capacidade de permanecer indiferente aos seus contemporâneos. Não ter receio da heterodoxia de seus pensamentos pessoais, fruto de uma maturação intelectual e dedicação ao saber, sem deixar-se abalar por pressões externas.

Ser honesto, primeiramente consigo mesmo e depois com as pessoas com as quais convivem e até mesmo para com aqueles com os quais evita o convívio. *Ser sereno no emitir suas opiniões*, evitando que a inflamação discursiva vede seus olhos e endureça o coração. *Ser constante na busca da verdade*, mesmo que isso lhe cause por vezes uma inconstância nas opiniões.

AS TENTAÇÕES:

O *falso sentimento de simplicidade*, escamoteado pelo véu da pseudo-humildade e piedade, escondendo o ódio aos grandes encadeamentos lógicos dos tratados teológicos e dos questionamentos da Filosofia e das Ciências naturais.

Ter o olhar voltado somente para as coisas demasiado próximas, pois aquele que assim vê é incapaz de almejar o geral, de detectar as grandes idéias e os grandes problemas, obcecado que está pelo que é singular.

Julgar o passado a partir do contexto e das impressões do presente. Aquele que cede a esta tentação tem a tendência a esquecer ou a negligenciar os limites concernentes às ações dos homens que os antecederam.

A indigência e a secura dos sentimentos em nome da imparcialidade da razão.

A medíocre estima de si mesmo, fruto de uma falta de confiança nas próprias idéias, deixando-se guiar e orientar somente pelo pensamento dos outros.

Fidelidade incondicional para com os mestres e os guias. “Cada um destes discípulos fiéis e reconhecidos é um golpe profundo para o mestre porque eles o imitam, e existindo entre eles também indivíduos de péssima índole, são precisamente seus defeitos que aparecessem desmesuradamente grandes e exagerados, ao passo que suas virtudes, *en revanche*, mostram-se nos mesmos indivíduos extremamente diminuídas.” (NIETZSCHE: *Considerações Intempestivas* § 4). Afinal, “por que me chamais bom, disse Jesus ao jovem rico. ‘Só Deus é bom’. (...) Se queres a vida eterna, vende tudo o que tem e me segue” (Cf. Lc 18, 18-23). Seguimento cujo ápice é viver segundo a vontade do Pai, que reina nos céus e deve reinar também na terra.

O hábito de perseguir seu caminho por onde o empurraram: “eles se instruem e fazem pesquisas num dado domínio, unicamente porque eles pensam que não existam outros”. (NIETZSCHE: *Considerações Intempestivas* § 4)

A fuga diante do tédio. Eles não sabem o que fazer do seu lazer. Eles têm somente necessidade dos livros seja para combater as idéias de outrem, seja para se sentir à vontade com quem pensa como ele; na realidade permanecem *reativos*.

O ganha pão. *Serve-se a verdade na medida em que ela nos adiante algum benefício*. Destes é que se pode dizer: *ingenii largitor venter* (seu ventre é o provedor de seu espírito).

O respeito dos colegas e o medo de seu desprezo. “Expõe com grande alarde a não-verdade, o erro, a fim de que o número dos concorrentes não se torne demasiado grande” (NIETZSCHE: *Considerações Intempestivas* § 4)

O instinto de justiça. Este instinto, tão raro, deveria tocar particularmente os sábios sedentos de justiça, a fim de que estes sirvam verdadeiramente à verdade; no entanto, ele pode destruir radicalmente tudo à medida que não é bem conduzido. Este instinto julga as verdades a partir de um só ângulo: aquele das “suas verdades”.

Cegueira espiritual daqueles que não admitem outras formas de servir e amar a Deus: “Mestre, vimos alguém que não nos segue, expulsando demônios em teu nome, e o impedimos porque não nos seguia”. Jesus, porém disse: “Não o impeçais, pois não há ninguém que faça um milagre em meu nome e logo depois possa falar mal de mim. Porque quem não é contra nós é por nós”. (Mc 9, 38-40).

Com a retomada desse texto, espero ter contribuído para elucidar os elementos intrínsecos à vocação profética e sua indissociação da vocação sacerdotal. Que a lembrança, as palavras e os atos dos inúmeros profetas que viveram e continuam a viver entre nós reacenda a chama do sentimento religioso de nossas comunidades em sua dimensão messiânica para que possamos afastar a letargia e a apatia que se ampararam de nós. E para concluir, deixo como meditação as palavras de D. Luciano em entrevista a uma rede de Televisão italiana, muito fiel à sua concepção de mundo e à sua opção preferencial pelos pobres:

Outra característica minha é que me deixo envolver mais pelo sofrimento do que pela alegria, não porque o sofrimento seja maior que a alegria, mas porque, sabendo com certeza quanto no mundo o sofrimento esteja presente no coração dos homens (sic), sinto vergonha de viver os momentos de alegria.

BIBLIOGRAFIA

BÖCKLE, Franz. Le magistère de L'Église en matière morale. *Révue Théologique de Louvain*. Louvain – Belgique, n. 19, p. 16. 1988.

CNBB. *Documento de Aparecida*. Texto Conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulus & Paulinas, 2007.

_____. *Evangelização e missão Profética da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Documentos da CNBB, n. 80).

DUSSAUT, Louis. Preparação à homilia de 28 de março de 2004. Disponível

em http://www.epal.fr/epal/theo/notes/careme/hebr.5_7-9.htm. Acesso em 30 de setembro de 2007.

ELLIS, Peter F. O Profetismo. In: *Os homens e a mensagem do Antigo Testamento*. Aparecida: Santuário, 1985.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. V. I. Petrópolis: Vozes, 1988.

MEIER, John P. *Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MENDES, Cândido. *D. Luciano o irmão do Outro*. Rio de Janeiro: EDUCAM, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva*. Rio de Janeiro: Relume&Dumará, 2003.

OTTAVIANI, Edelcio S. A Filosofia no Mundo Atual e sua importância no processo formativo do futuro presbítero. *Revista de Cultura Teológica*. São Paulo, ano IX, nº 37, p. 9-52, out/dez de 2001.

SPICK, C. *L'épître aux Hébreux*. Paris : Gabalda, 1977. (Sources Bibliques). (Commentaire catholique assez complet, notamment sur la question du sacerdoce).

VALADIER, Paul. Nietzsche o filósofo do martelo e do crepúsculo. *On line*, São Leopoldo, ano IV, n. 127, 13 de dezembro de 2004. Disponível em: <<http://www.unisinos.br/ihuonline/uploads/edicoes/1158266308.88word.doc>>. Acesso em 1º de maio de 2007.

Dr. Prof. Pe. Edélcio Serafim Ottaviani

Doutor em Filosofia pela Université Catholique de Louvain. Professor e assessor de Pastoral Universitária na PUCSP. Coordenador do Curso de Filosofia no Centro Universitário Assunção – UNIFAI.